

arqueológica vêm confirmar o esquema. E tais correspondências, em vez de fortuitas, revelam ter havido estreita conexão histórica entre as populações indígenas que, em diferentes pontos do Novo Mundo, atingiram o estágio da civilização. Os argumentos a favor dessa tese, Trimborn os sintetiza numa bela página e, a seguir, discute o problema das antigas relações intercontinentais. Pronuncia-se — com reservas, é verdade — a favor das influências transpacíficas admitidas por Heine-Geldern e Ekholm e rejeita as idéias de Thor Heyerdahl. Quanto ao destino por assim dizer trágico das altas-culturas da América em confronto com a civilização ocidental, a cujo embate não resistiram, explica-o em última instância pelo fraco domínio racional ou intelectual da realidade, em flagrante desnível com a riqueza atingida em outros setores.

Por indubitável, porém, que seja um certo parentesco entre as culturas descritas, por expressivas umas tantas correspondências fundamentais, não se oblitera com isso a marcante individualidade de cada uma delas. Em parte alguma do livro Trimborn perde de vista este fato e não deixa de pôr em relêvo o que as distingue entrê si. Adaptaram-se a ambientes geográficos díspares e cada qual tomou orientação própria em seu desenvolvimento. Assim, os Asteca demonstraram a originalidade e o vigor de sua cultura na cosmologia, na arquitetura, no urbanismo, na rede de comunicações e no sistema comercial, mas desconheciam, entre outras coisas, o uso de metais na confecção de armas guerreiras. Os Maya, os “gregos da América”, superaram as demais populações ameríndias no campo intelectual e artístico, ao passo que na técnica não ultrapassaram o estágio da “idade da pedra”. As culturas andinas em geral se destacaram na metalurgia, na tecelagem, na construção de terraços e de sistemas de irrigação, sendo que os Kétxua em especial demonstraram o seu gênio político na formação e organização do maior império pré-colombiano; por outro lado, não possuíam nada equivalente à escrita hieroglífica, ao calendário e à cronologia desenvolvidos na área mesoamericana. Isto, para darmos apenas alguns dos fatos principais.

**Das Alte Amerika** é um livro que se lê com prazer da primeira à última página e sempre com grande proveito, ainda mais porque as ilustrações que o acompanham não constituem, por assim dizer, um álbum à parte, como é freqüente acontecer, mas estão tôdas em relação estreita com o texto. A exposição é firme, de um especialista que domina o assunto e que não vai catando penosamente os seus dados para compor o quadro que apresenta.

**Egon Schaden**

**HÉLIO GALVÃO: O Mutirão no Nordeste**, 75 págs., edição ilustrada. Serviço de Informação Agrícola, Série “Documentário da Vida Rural”, N.º 15. Ministério da Agricultura. Rio de Janeiro, 1959.

Hélio Galvão, Professor de Antropologia da Faculdade de Filosofia de Natal, R. N., acaba de publicar interessante monografia sobre a ajuda mútua, ampliando a Série “Documentário da Vida Rural”, editada pelo Ministério da Agricultura, sob a direção de Manuel Diégues Junior.

À guisa de prefácio, o Diretor do Serviço de Informação Agrícola situa o Autor e a matéria estudada no panorama cultural brasileiro, frisando que Hélio Galvão foi um dos pioneiros do estudo das formas de cooperação entre nós.

Infelizmente não encontramos na leitura dessa monografia aquilo que esperávamos. O Autor podia — com o fôlego que o caracteriza — ter ido bem além dos limites em que se situou. Depois do livro de Clovis Caldeira (resenhado por Egon Schaden nesta revista, vol. 5.º, n.º 1, junho de 1957, pág. 104), qualquer outro estudo sobre o mutirão deveria — pelo menos em tese — descer um pouco mais verticalmente na análise da instituição. No caso em tela, o Autor ficou — ou pretendeu ficar — pelo Nordeste, numa inexplicável modéstia, muito embora, em certos aspectos, ou na maioria deles, tivesse focalizado a ajuda mútua num plano horizontal, como por exemplo, ao analisar, na introdução, o “rendimento econômico”, inclusive no estrangeiro, citando os trabalhos de George Gowan e Herskovits, sobre a cooperação no México. Entretanto, nada disse sobre o rendimento econômico dos mutirões no Nordeste. Faz o mesmo ao abordar a “natureza jurídica do mutirão” (pág. 16), como, ainda, ao estudar a “organização” (pág. 24) ou a “incidência geográfica” (pág. 38). Em todos êsses itens, o Autor fugiu do seu Nordeste, incursionando, às vêzes, pelas demais áreas geográficas do Brasil e, outras, para bem longe das nossas fronteiras. Digam-se de passagem que nessas incursões o leitor encontra aqui e ali fatos bem interessantes.

Outro aspecto que merece ser ressaltado como exemplo ainda da fuga, do Autor, ao tema proposto, é aquêle em que se entusiasma ao delimitar ou configurar o Nordeste (págs. 18 a 23), encaixando conhecimentos demográficos completamente desnecessários ao estudo do mutirão. Igual comportamento encontramos no capítulo III, quando focaliza a “cooperação de tipo não contratual”. Aqui, então, o Autor foge ainda mais do título que deu à monografia. Seria bem mais aconselhável que o Professor Hélio Galvão estudasse somente a instituição — que conhece tão bem — sem se preocupar com o seu amado Nordeste. Pelo menos, seria mais coerente.

No restante do trabalho, encontramos algum material novo. Os cantos folclóricos, muitos deles improvisados nos mutirões — como aquêles levantado em Goiás (pág. 30) — justificam a publicação. Através dêsses cantos podemos apreciar a rica sinonímia da instituição, variando as denominações de Estado para Estado, de país para país e também consoante as diferentes finalidades do mutirão. É preciso que se diga, entretanto, que, ao chegar-se ao final da leitura da monografia, fica-se esperando algo mais, que não foi escrito...

Completam o presente trabalho as 122 “notas” do Autor (págs. 63-69), algumas delas explicativas e, logo a seguir, as “referências bibliográficas” (págs. 71-75), enumerando 83 fontes, quase tôdas bastante significativas.

Analisando-se a monografia no seu conjunto, somos forçados a classificar o trabalho do Professor Hélio Galvão como pouco profundo, divorciado do título que o encima e pobre como produto de pesquisa científica, notadamente no que diz respeito ao mutirão no Nordeste.

**J. V. Freitas Marcondes**

**ROBERT F. MURPHY e BUELL QUAIN: The Trumáí Indians of Central Brasil.** XII + 108 págs. Monographs of the American Ethnological Society. J. J. Augustin Publisher, Nova Iorque, 1955.

A tarefa de estudar os indígenas brasileiros torna-se cada vez mais urgente, devido à rapidez com que se processa a desintegração sócio-cultural dos grupos, em contacto contínuo ou intermitante com o homem bran-